

MOVIMENTOS SOCIAIS: ESSÊNCIA E DINÂMICA

Óscar Namuholopa*

Esses novos conflitos não surgem mais em áreas de reprodução material; eles não são mais canalizados através de partidos e organizações; e eles não podem mais ser aliviados por compensações que estão em conformidade com o sistema. Pelo contrário, os novos conflitos surgem em áreas de reprodução cultural, integração social e socialização.

Jürgen Habermas

A história mostra que a origem dos movimentos sociais se subordina a diversas circunstâncias específicas,

* Óscar Morais Fernando Namuholopa é graduado em Ensino de História pela Universidade Pedagógica de Moçambique – Delegação de Niassa (2010), mestre (2017) e doutorando em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás.

sendo essa a razão da diversificação do campo da ação coletiva dos mesmos. Portanto, cada movimento (social) surge no seu próprio contexto, de acordo com a demanda do respectivo grupo social, podendo tomar rumos de relativos avanços no processo de (re) construção da ordem social vigente. Talvez essa seja uma das razões pelas quais, até o momento tenha sido difícil estabelecer um conceito consensual e acabado sobre os movimentos sociais. Tal como reconhece Tarrow, citado por Melucci (1989, p.54) “o campo dos movimentos sociais é um dos mais indefiníveis que existem. Os movimentos são difíceis de definir conceitualmente e há várias abordagens que são difíceis de comparar [...] cada autor acentua elementos diferentes [...]”. Com efeito, cada um que se dedica ao seu estudo, define de acordo com a sua aproximação e natureza do movimento social em específico.

É esta discussão que vai caracterizar o debate neste trabalho em torno dos movimentos sociais, buscando as diferentes concepções que a eles se atribui entre os

Movimentos Sociais. Vol. 06, num. 09, 2021.

[2]

diferentes círculos de estudo. Nesse sentido, o nosso recurso metodológico para a construção do presente artigo, consistiu, fundamentalmente, no levantamento, análise e cruzamento de várias fontes bibliográficas que abordam esta temática, as quais são indicadas ao longo do texto e nas referências.

Portanto, no primeiro momento, discutiremos os conceitos dos movimentos sociais, a partir dos quais procuraremos encontrar os principais elementos que os constituem, bem como a sua natureza. Em seguidamente, iremos discorrer sobre a classificação possível que se pode fazer aos movimentos sociais e, finalmente, iremos analisar as tendências atuais de mobilização dos movimentos sociais.

O CONCEITO DE MOVIMENTOS SOCIAIS

Para uma melhor compreensão dos movimentos sociais, trazemos aqui o conceito que, em nosso ponto de

Movimentos Sociais. Vol. 06, num. 09, 2021.

[3]

vista melhor traduz a essência dos movimentos sociais e por aproximar-se à nossa expectativa teórica. A partir dele encontraremos os elementos que os caracterizam e são fundamentais quando se pretende analisar a questão dos movimentos sociais. Assim, Melucci (1989, p. 57) define o movimento social como “uma forma da ação coletiva a) baseada na solidariedade, b) desenvolvendo um conflito, c) rompendo os limites do sistema em que ocorre a ação”. Conforme o autor, essas dimensões (solidariedade, conflito e rompimento com o sistema) permitem que os movimentos sociais sejam separados de outros fenômenos coletivos como a delinquência, reivindicações organizadas e comportamento agregado de massa, que são, com muita frequência, associados aos movimentos e protestos. O autor sustenta que, o que costumamos chamar de movimento social muitas das vezes contém uma pluralidade desses elementos e, por isso, devemos ser capazes de distingui-los se quisermos compreender a ação de uma coletividade.

Destacamos neste conceito de Melucci a questão da solidariedade. Pressupõe-se que, o propósito dos movimentos sociais é de solidariedade com relação ao grupo respectivo e não de resultados imediatos a favor dos seus atores. A princípio, os atores dos movimentos sociais atuam sem pensar em si, mas sim no grupo em todas as suas dimensões.

Esta definição de Melucci (1989) ajuda a compreender os limites dos movimentos sociais e por conseguinte, distanciá-los das correntes que classificavam como sendo comportamentos desviantes ou patologias sociais. Melucci corrobora com a ideia de que os movimentos sociais são fenômenos da sociedade civil do que propriamente políticos. Desta forma, não mais os movimentos sociais seriam vistos como tendo pretensões políticas, mas ações coletivas por solidariedade.

Os movimentos sociais surgem no interior da sociedade capitalista e acompanham o processo de sua reinvenção. Autores como Angela Alonso (2009) e Karin

Renon (1996) têm sido unânimes em afirmar que o século XX é o mais significativo no domínio dos movimentos sociais e, sobretudo a partir da segunda metade, período no qual houve uma grande explosão dos movimentos sociais. Segundo Alonso (2009) foi nos anos de 1960 em que, no Ocidente, o termo “movimentos sociais” foi cunhado para designar multidões que clamavam por mudanças pacíficas, sem, no entanto, ter interesses políticos pelo poder do Estado. À medida do tempo, iam ficando bem claras as peculiaridades deste fenômeno social, dirimindo deste modo, equívocos que haviam sobre eles. De acordo com a fonte,

Nos anos 1960, tanto na Europa, sede do totalitarismo, quanto nos Estados Unidos [...] ressurgiram mobilizações. Alguns teóricos da revolução ainda as saudaram como retorno do movimento operário, mas tão logo se viu, elas eram bastante peculiares. Não se baseavam em classe, mas sobretudo em etnia (o movimento pelos direitos civis), gênero (o feminismo) e estilo de vida (o pacifismo e o

Movimentos Sociais. Vol. 06, num. 09, 2021.

[6]

ambientalismo) [...]. Tampouco visavam a revolução política, no sentido de tomada do poder de Estado (ALONSO, 2009, p. 50).

Estas características avançadas por Alonso, certamente contribuíram para a mudança do viés teórico que relacionava a ação mobilizadora dos movimentos sociais com movimento operário ou movimento político. Compreende-se desta forma que os movimentos sociais estão sobretudo ligados à mudança social e aos aspectos culturais, tal como observou Habermas (2018) em texto da nossa epígrafe. De um ponto de vista teórico, também os movimentos sociais se colocam no centro da discussão científico-social do momento e de forma particular, da teoria sociológica (RENON, 1996).

Portanto, há uma tendência de institucionalização dos movimentos sociais. Essa tendência acontece quando um movimento social atinge um certo grau de maturidade interna e estabilidade organizacional, passando a se estabelecer nele, algumas áreas de competência

(subsetores). Sem dúvida, este processo concorre para o enfraquecimento ou extinção dos movimentos sociais, pelas obrigações das organizações institucionalizadas e, sobretudo, com a burocratização dos seus serviços que pode gerar novos descontentamentos e, por conseguinte, novos movimentos sociais. Touraine, citado por Iglesias (2015), já havia observado isto ao destacar fatores que obstaculizam a constituição dos movimentos sociais. O primeiro é relativo à intervenção da classe dominante na construção da historicidade e o modo em que, a partir disso, se desativam formas organizativas dos setores subalternos. O segundo e último relaciona-se com os pedidos de institucionalização dos movimentos sociais. Esses fatores contribuem em grande escala para a redução ou eliminação por completo da radicalidade dos movimentos sociais, tornando-os cada vez menos atuantes.

Como sobejamente é sabido que a maior parte dos governantes são contra os movimentos sociais por estes dirigirem a eles as suas reivindicações e, por conseguinte,

Movimentos Sociais. Vol. 06, num. 09, 2021.

acharem ser um desafio à sua autoridade ou um atentado contra a ordem pública, obviamente, a aliança entre os dois seria no mínimo de se estranhar; aliás, é sempre nocivo para a vida dos próprios movimentos sociais. É disto que Iglesias (2015) chama de colonização dos movimentos sociais. Não se duvida a natureza da colonização e não cabe trazer nas entrelinhas do presente trabalho descrever com rigor as suas características, mas simplesmente fazemos em poucas palavras: é a privação da liberdade e da autonomia. Os movimentos colonizados deixam de atuar sobre os seus propósitos, perdem a essência da qual se viram conceber. Perdem a autonomia, perdem a direção e passam a funcionar como simples reboque.

Nessa conformidade, Touraine (1994), distingue três princípios que definem a natureza do movimento social, nomeadamente: o de identidade, o de oposição e o de totalidade. Esses três princípios devem ser entendidos estando em constante interação um do outro. O primeiro diz respeito ao vínculo que torna o próprio ator ser social; o

Movimentos Sociais. Vol. 06, num. 09, 2021.

segundo, com a definição acerca de seu adversário; e, o último, sobre a elaboração de um projeto por parte do ator social no qual colocaria em questão a historicidade da sociedade. Este último princípio afigura-se ser o mais complexo, pois é nele onde são agregadas as metas e estratégias do grupo, o que exige um esforço para articular, orientar e executar os princípios da totalidade. Portanto, “o princípio de totalidade nada mais é que *o sistema de ação histórica* cujos adversários, situados na dupla dialética das classes sociais, disputam entre si a dominação” (TOURAINÉ, 1994, p.347; grifos do autor).

De forma implícita, a acompanhar a nossa abordagem, fomos nos referindo de elementos fundamentais que constituem os movimentos sociais. O grupo (conjunto de pessoas que partilham algo em comum) e objetivos (matéria do projeto). No entanto, esses elementos são dados como sendo centrais para que um movimento social seja verdadeiramente assim considerado no sentido rigoroso da palavra. Existem outras opiniões de

autores que assinalam um e outro aspecto que, segundo eles, são fundamentais e indispensáveis para a caracterização dos movimentos sociais, porém, ao invés de facilitarem, acabam criando uma ambiguidade compreensiva. Tal é o caso da autora Ilse Scherer-Warren (1989) que em sua definição, para além dos elementos aqui referidos, acrescenta princípios (ideológicos ou culturais) e direção. Se levarmos em consideração a abrangência do campo dos princípios e do sentido marxista de ideologia, como conjunto de ideias ilusórias e burguesas, e a direção, como hierarquia burocrática de estrutura complexa, a desatenção com esses elementos pode levar a confundir organizações institucionalizadas e burocráticas com movimentos sociais.

Um movimento social como uma estrutura orgânica e funcional é constituído, em princípio, por um grupo social, movido sob os mesmos objetivos expressos no projeto de ação coletiva, cuja causa se fundamenta justa de ser. Esses são elementos fundamentais que constituem a

base para a formação de movimentos sociais, sem os quais seria infundado falar de movimentos sociais.

O conceito de grupo tem sido bastante variado mediante o campo de estudo. Assim, de acordo com Jensen (2014, p. 130),

Um grupo social não significa um coletivo organizado de indivíduos e sim um conjunto de pessoas que possuem algo em comum. Tomemos um exemplo: o movimento das mulheres. Este é o grupo social que lhe movimenta. Este conjunto de pessoas, este grupo social, possui em comum o fato de todos os seus membros pertencerem ao sexo feminino. Esta é a motivação interna do movimento. Entretanto, o simples fato de pertencer ao sexo feminino não cria nenhum movimento social, pois somente no interior de determinadas relações sociais é que pertencer ao sexo feminino cria a necessidade de ação coletiva. Essas relações sociais certamente se baseiam na opressão do sexo feminino e é essa a motivação externa do movimento social. O mesmo ocorre com o movimento negro: o simples fato de pertencer à raça negra não é motivo suficiente para surgir um movimento social, mas, quando a raça

Movimentos Sociais. Vol. 06, num. 09, 2021.

[12]

negra se vê oprimida, surge a sua necessidade.

Com esse trecho, fica claro que o que une as pessoas não é simplesmente a sua natureza física, mas sim um elemento em comum, a condição social¹ dos seus constituintes. É essa condição social que move o grupo a se unir, pois nem todos os indivíduos de mesma natureza física pertencem automaticamente a um determinado movimento social. Só passa a pertencer assim que se identificar com a causa e ter consciência das reivindicações do grupo. A condição corpórea não é a única a ter em conta na formação dos grupos sociais, como também, acrescenta Jensen (2014), a pertença a mesma categoria social, como estudantes, estrangeiros; ou profissional, no caso de professores, médicos, polícias etc.; ou por questões

¹ Condição social é a realidade concreta (situação social) do indivíduo ou grupo no interior da sociedade capitalista.

regionais (movimentos nacionalistas², separatistas); ou por razões histórico-culturais (religião ou grupo cultural); ou ainda, por necessidades coletivas (consumidores, moradores etc.).

Todos os movimentos sociais se mobilizam em torno dos seus objetivos, tidos como desafios e metas a alcançar no propósito da sua existência. Os objetivos constituem a espinha dorsal do projeto do grupo social. Eles compreendem tudo aquilo que o grupo pretende atingir como a sua meta: reformas políticas, redução da carestia de vida, melhoria de serviços públicos, etc.

A concepção do projeto visa harmonizar as principais ideias do grupo para permitir que as atividades estejam definidas de forma clara e objetiva. Ele contém atividades e objetivos passíveis de concretizá-los. Não nos surpreende, porém, alguns projetos irem mais longe. Tal

² Embora haja similaridades em seus aspectos, os movimentos nacionalistas, como consideramos, são movimentos políticos e não sociais.

como escreveram Frank e Fuentes (1989, p. 37) “muitas vezes os movimentos se aventuram a ir em lugares onde nem os anjos se aventuram a ir”. Se o movimento agregar objetivos muito ambiciosos, corre o risco de ser reduzido a título utópico.

O projeto é o objetivo final que se relaciona com a situação concreta do movimento. Ele engloba os objetivos imediatos e finais. Segundo Berger (2015), os objetivos imediatos são os que se buscam imediatamente como meio para conseguir concretizar o objetivo final. Assim, no exemplo do movimento estudantil, arrecadar dinheiro pode ser necessário para realizar algumas atividades afins, tal como realizar manifestações. Os objetivos imediatos são simples meios e não um fim em si. Porém, vale ressaltar que, em certos casos, os objetivos imediatos podem se tornar práticas efetivas e contínuas dos movimentos sociais e constituírem-se, assim, em objetivos finais. Por exemplo, arrecadar dinheiro passar a ser prática contínua.

O objetivo final, no caso do exemplo tomado do movimento estudantil, pode ser uma reforma geral na estrutura da universidade, as políticas educacionais em si, a acessibilidade de ingresso e as condições institucionais. Note-se que aqui usamos em paralelo os conceitos de objetivo e projeto. A razão reside no fato de os dois serem dependentes, isto é, os objetivos só existem onde há projeto e o projeto jamais existirá sem a prévia definição dos objetivos.

Portanto, há outras disposições prévias a destacar na formação de movimentos sociais. Aquilo que leva a constituição do grupo e definição de objetivos é a existência de um problema, a situação social. Segundo Viana (2016), situação social é a condição do grupo no interior da sociedade capitalista, que vai por sua vez, provocar a insatisfação social que pode ser gerada pela exclusão, opressão ou determinadas necessidades sociais. A condição social partilhada gera o senso de pertencimento que é a compreensão de que a insatisfação social não é um

Movimentos Sociais. Vol. 06, num. 09, 2021.

problema individual, mas do grupo de pertença em geral. Esta compreensão condiciona, por conseguinte, a mobilização social, compreendida como ação coletiva ou compartilhada³. Desta forma, tem lugar o movimento social.

CLASSIFICAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Como referido, o campo dos movimentos sociais é bastante variado, como também podem ser diversas as classificações a eles feitas. Portanto, no presente trabalho pretendemos fazer essa classificação levando em consideração dois aspectos: quanto à constituição do grupo que os sustenta e quanto ao projeto de ação.

³ Há diferença entre ação coletiva e compartilhada. A ação coletiva é aquela realizada por indivíduos de um mesmo grupo social reunidos fisicamente com vista a alcançar as suas finalidades. Enquanto uma ação compartilhada é aquela em que pode ser realizada por indivíduos isoladamente, mas partilhando a concepção através do senso de pertencimento (VIANA, 2016a).

a) Movimentos sociais quanto à constituição do grupo

Os movimentos sociais quanto à constituição do grupo podem ser monoclássistas e policlássistas. Os *movimentos sociais monoclássistas* são aqueles formados por indivíduos da mesma classe social e que partilham algo em comum (situação social) (VIANA, 2016). Tal é o exemplo dos estivadores, moradores de rua etc., cuja condição social é igual a todos os seus membros. Aqui os conceitos de alóctone e aloctonia⁴ são bem patentes.

Por sua vez, os *movimentos sociais policlássistas* são aqueles cuja composição do grupo é feita por indivíduos

⁴ Conceitos desenvolvidos amplamente por Viana (2016). É alóctone o indivíduo que não faz parte de um determinado grupo social (um branco introduzir-se no grupo dos negros). Portanto, a sua presença nele pode ser considerada como estranha e ameaçadora. O seu antônimo é autóctone – constituído por aqueles que pertencem ao grupo, como, por exemplo, mulheres no movimento feminino, estudantes, no movimento estudantil, etc.

de duas ou mais classes sociais (VIANA, 2016). Muitas das vezes esta tem sido a regra geral da grande parte dos movimentos sociais. O movimento estudantil, feminino e negro, por exemplo, a sua composição é policlassista, pois são constituídos por indivíduos vindos de diferentes classes sociais.

b) Movimentos sociais quanto ao projeto

Quanto ao projeto, os movimentos sociais subdividem-se em: revolucionários, reformistas e conservadores. Os *movimentos sociais revolucionários* são aqueles que, através do seu projeto de ação, propõem mudanças radicais e estruturais. Eles aparecem no momento de crises gerais de um sistema e em seguida este perde credibilidade social. Segundo Decouflé (1970), a totalidade e historicidade específicas são características da natureza do projeto revolucionário. O autor acrescenta que, nesse processo, o revolucionário não busca a felicidade, mas uma

vida diferente, capaz de conferir o seu projeto uma dimensão também diferente das limitações do cotidiano. Este tipo de movimento social tem sido não raras vezes, conforme Viana (2016), sustentado pela juventude, devido à sua natureza de persistência, radicalidade e condição social, e pelos intelectuais, pela sua coerência na manutenção de um projeto social e político.

Por sua vez, os *movimentos sociais reformistas*, de acordo com Viana (2016) são aqueles que, insatisfeitos com alguma demanda social, exigem que se faça alguma alteração e mudanças pontuais na ordem social e políticas vigentes. Diferentemente dos movimentos sociais revolucionários, os movimentos sociais reformistas dirigem suas reivindicações diretamente ao Estado, para que essa instituição realize determinadas intervenções na estrutura política em vigor, alguma reforma na ordem social e econômica, opere mudanças legislativas e crie condições de vida favoráveis aos grupos sociais. A insatisfação com a condição de vida social, a promoção da pessoa humana nas

diferentes esferas sociais, as igualdades diante da lei e de oportunidades de trabalho, são algumas das reivindicações dos movimentos reformistas. Os exemplos que tomamos são do movimento estudantil, movimento feminino, movimento negro etc. Lembremos aqui com ênfase o exemplo bem-sucedido na história, o do movimento estudantil e o seu impacto social na luta pelos direitos gerais. Durante os anos 60, o movimento estudantil se tornou um fenômeno social maciço e as manifestações generalizadas se difundiram por universidades nos Estados Unidos, Europa, Extremo Oriente e América Latina. O movimento estudantil desenvolveu novas formas de protesto: piquetes em massa, greves de braços cruzados e reuniões coletivas eram ocorrências quase que diárias. As suas ações influenciaram as mudanças das políticas sociais (RENON, 1996).

Por fim, encontramos os *movimentos sociais conservadores*. Os movimentos sociais conservadores,

como diz o nome, são aqueles que lutam para manter uma determinada hegemonia social. Os movimentos sociais conservadores são constituídos por indivíduos de classes superiores e a sua hegemonia é predominantemente burguesa. A sua ação mobilizadora visa conservar e reforçar as posições sociais sem permitir, no entanto, quaisquer mudanças (VIANA, 2016). Um dos exemplos deste movimento é o caso do movimento racista, que em sua vigência procura vetar novas legislações que visam alterar o quadro jurídico e social em favor dos negros. Na sua maioria, acabam vencendo as tendências deste grupo, tendo em conta o seu poder e influência social, tal como observaram Marx e Engels (2013), que as ideias dominantes de cada época sempre foram ideias da classe dominante. Para a burguesia e demais classes superiores não importa se a manutenção da sua hegemonia implique sacrifício às outras classes sociais.

AÇÃO COLETIVA E TENDÊNCIAS ATUAIS DOS MOVIMENTOS SOCIAIS

Atendendo a diversidade dos movimentos sociais e as demandas que movimentam os respectivos grupos, o campo da ação coletiva é bastante variado. Em sua existência, os movimentos sociais orientam-se para as questões mais específicas do momento. Dificilmente um movimento reivindicará uma pauta que não faz parte do seu dia a dia. A acontecer, essa seria a única possibilidade por solidariedade. Assim, os trabalhadores rurais reclamarão sobre aquilo que afeta o seu cotidiano, logicamente a terra ou acesso ao mercado; o movimento étnico reclamará por políticas afirmativas justas (inclusão ou autonomia) e revalorização cultural. Deste último, é exemplo, conforme Carvalho (1983), a união dos indígenas americanos que lutaram e conseguiram a sua admissão e reconhecimento junto da Organização das Nações Unidas como povos soberanos. E gradualmente foram conquistando o

Movimentos Sociais. Vol. 06, num. 09, 2021.

[23]

reconhecimento das suas reservas territoriais e direitos laborais.

Evidentemente, foi assim que na década de 60 do século passado, enquanto na Europa através da França florescia o movimento estudantil, nos EUA o movimento negro ganhava forma na luta pela “igualdade racial” e o movimento feminino conquistava os direitos civis. O campo da ação histórica dependerá do contexto socioespacial dos seus atores.

O movimento estudantil de 1968 que temos vindo a tomar como exemplo influenciou de certa forma na ordem social da França. Decouflé (1970) e Renon (1996) testemunham que a rebelião de maio de 1968 clamava por mudança de função das universidades, de instituições educacionais da elite, para instituições de produção em massa e de profissionalismo. Os estudantes criticaram a instituição universitária por suas estruturas tecnocráticas em grande escala e suas burocracias impessoais, que dificilmente se mostravam inclinadas a satisfazer as

preocupações de educação e pesquisa. De simples rebelião, como podia se descrever no início, o movimento de maio passou a exigir transformação radical das relações sociais. A ação dos estudantes mexeu com a estrutura da França no geral.

Com efeito, conforme Renon (1996), o governo de Charles de Gaulle foi substituído por conta do movimento estudantil de maio de 1968. Algumas mudanças na estrutura da universidade foram levadas em consideração. Em geral, o movimento estudantil corporificou formas importantes de renovação cultural, liberdade de expressão e abriu caminhos para as novas lutas em diferentes domínios sociais.

Através do movimento feminino, a mulher conquistou o seu espaço na sociedade, rompendo com a velha e tradicional sociedade patriarcal (embora isso continue sendo um desafio). A conquista da mulher não se limita apenas ao campo social, mas também ao campo político e econômico. A sua luta permitiu conquistar o

direito de votar e ser eleita, ocupar cargos políticos e dos fóruns econômicos importantes, de criar as suas próprias iniciativas de negócio; conquistou o direito do aborto⁵, de pedir o divórcio, enfim, reduzir os preconceitos e desvalorização da mulher.

Segundo Tarrow (2009), nos Estados Unidos, a luta do movimento feminino resultou na eleição de mulheres em número considerável para ocuparem cargos públicos importantes e na aprovação no Congresso de leis que eram favoráveis aos interesses das mulheres. O auge deste movimento notabilizou-se nas eleições de 1992 quando uma boa parte de mulheres ocupou os assentos do Congresso e algumas foram convidadas a ocupar altos cargos na administração Clinton. O movimento das mulheres estadunidenses não empreendeu uma manifestação tal qual dos estudantes parisienses. De acordo

⁵ Apesar de continuar uma polêmica mesmo entre as mulheres, pois há quem o considera imoral.

com Tarrow (2009), na sua maioria, as primeiras ativistas eram mulheres de posição social intermediária que atuavam clandestinamente em convenções políticas e em grupos particulares. Outras eram advogadas feministas, não atuando diretamente no movimento. As suas exigências relacionavam-se com o trabalho, direitos civis, saúde pública e outros interesses.

Observemos agora os contornos do movimento negro e suas ações em prol da libertação e promoção da imagem da pessoa de cor negra em diferentes espaços do mundo. Através das suas ações reivindicativas, que em algumas vezes podiam ser mais ou menos violentas, o movimento negro conquistou direitos antes negados, ganhou a liberdade, a autonomia de propriedade, inclusão social etc. Isto só foi possível através do movimento negro que mexeu com as estruturas políticas e sociais a cederem as suas pressões e reivindicações. Hoje, a luta desse movimento social transcende a simples reivindicação para o fim da discriminação racial e se estende para a equidade

no trabalho, na escola, no domínio político e demais setores de intervenção social.

Assim, “[...] o Estado, ao responder a um movimento social, estaria repondo a ordem e abrindo caminhos para a mudança e para a institucionalização de novas formas de relações” (GOHN, 2002, p. 147). Nesses termos, a autora concorda com a ideia de que os movimentos sociais têm o papel mais de agentes de pressões sociais do que de atores principais das transformações sociais propriamente ditas. Entretanto, “os ativistas dos movimentos sociais clamam por mudanças sociais básicas, pelo reconhecimento de novas identidades, pela entrada no sistema político, pela destruição de seus inimigos ou pela derrubada da ordem social-raramente ‘reforma’” (TARROW, 2009, p. 204). E é daí onde deriva o nome de movimento. Movimento significa alteração da posição em relação ao estado anterior.

Atualmente, os movimentos sociais tendem a ganhar novos contornos. Melucci (1989) observa que a

tendência do movimento hoje é ser uma rede de pequenos grupos imersos na vida cotidiana que requerem um envolvimento pessoal na experimentação e na inovação cultural. Portanto, eles surgem para fins específicos, como as grandes mobilizações pela paz, pela legalização do aborto, contra a política nuclear, dentre outras. Conforme diz Tarrow (2009), independentemente da origem das reivindicações do confronto, são as oportunidades e restrições políticas que despertam a identidade coletiva e se transformam em ações coletivas. É nesse sentido que os movimentos sociais se reinventam a cada momento em diversos domínios, em busca de satisfações das demandas que se tornam cada vez mais novas, pois, pela máxima materialista, a satisfação de necessidades elementares cria necessidades novas e a criação de necessidades novas constitui o primeiro ato da história (MARX; ENGELS, 2008). E assim em diante num movimento dialético.

Outra tendência recente dos movimentos sociais é o uso das tecnologias de informação e comunicação como

novas formas de mobilização política. Segundo Castells (2005), a maior parte dos movimentos sociais e políticos, de todas as tendências, usa a internet como forma privilegiada de ação organizada. Para explicar a especificidade da mobilização social a partir da internet, o autor aponta três características fundamentais na interação entre esta e os movimentos sociais. A primeira diz respeito à existência da crise das organizações tradicionais (partidos e associações afins) e a emergência de movimentos sociais organizados em rede com base em coalizões que se constituem em torno de valores e projetos. Nesse sentido, a internet se configura como um instrumento de comunicação que permite a flexibilidade e a temporalidade da mobilização. A segunda característica é a de que, os movimentos sociais em nossas sociedades, desenvolvem-se cada vez mais em torno de códigos culturais de valores (meio ambiente, ecológicos, mulheres, direitos humanos, etc.) e que se servem muito da comunicação para estimular apoios. A internet torna-se importante, pois permite reforçar

Movimentos Sociais. Vol. 06, num. 09, 2021.

[30]

valores, princípios e ideias de forma instantânea. A terceira característica é a de que, a internet permite a articulação de projetos alternativos locais a partir de protestos globais através da conexão global-local.

A comunicação através da internet tem ganhado visibilidade, tornando-se uma fonte de poder e moldagem da mente das pessoas, pois,

A internet é cada vez mais usada para acessar os meios de comunicação de massa (televisão, rádio, jornais), bem como qualquer forma de produto cultural ou informativo digitalizado (filmes, música, revistas, livros, artigos de jornais, bases de dados). A internet já transformou a televisão (CASTELLS, 2016, p. 19).

A internet revolucionou o acesso aos meios de informação, facilitando a formação e a comunicação. Por outro lado, olhando pelo fluxo de informações através dos novos recursos comunicacionais e o seu impacto, constata-se que a internet proporciona aos seus usuários novas formas de relações sociais e institucionais, ao aproximar e

facilitar a interação entre os diferentes atores instantânea e remotamente.

Nesse sentido, a internet contribuiu para a alteração do paradigma comunicacional para as novas formas de comunicação de massa por meio de instrumentos que oferecem autonomia aos sujeitos de escolherem os conteúdos e difundirem, desenvolvendo, conforme Castells (2016), espaços sociais de realidade virtual e para o crescimento de novas formas de comunicação social que ele chama de *autocomunicação de massa*, por alcançar potencialmente uma audiência global. É preciso reconhecer que a internet ao mesmo tempo que contribui para a emancipação da sociedade, contribui também para a formação ideológica da sociedade sob diferentes orientações políticas. Ela facilita a participação dos atores sociais democráticos, totalitários e até extremistas, estes últimos, que constituem ameaça global.

Não é menos verdade que os meios de comunicação digital estejam a suplantando cada vez mais os

meios de comunicação tradicionais como alternativa comunicacional hegemônica. A comunicação digital em rede permite o exercício da democracia e autonomia comunicativa, na medida em que permite a participação de diferentes utilizadores e cada um pode criar o seu canal de comunicação particular.

Hoje, a tendência dos movimentos sociais é de atuar em redes de conexões instantâneas. Segundo Tarrow (2009, p. 229), “[...] são as novas tecnologias e as novas formas de comunicação que estão criando um mundo de movimentos transnacionais”. É desta forma que o “mundo moderno” é quase dominado por ações coletivas que ameaçam ganhar a dimensão global e as suas demandas, em problemas universais.

Por outro lado, as exigências dos movimentos sociais têm se convertido em políticas públicas e programas de governação. No caso do movimento ambientalista, resultou na formação de ministérios do meio ambiente em quase todo mundo (TARROW, 2009), embora isso não

tenha contribuído muito para a redução dos problemas ambientais. Em outros contextos, os movimentos sociais deram origem à Organizações Não Governamentais (ONGs), Institutos de apoio, de monitoria e avaliação da boa governação, de promoção da cidadania e direitos civis, e tantos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levamos em discussão no presente artigo o conceito de movimentos sociais e procuramos delinear as suas principais características que os diferenciam de outras formas de ações coletivas que com frequência podem ser confundidas com movimentos sociais. Assim, partindo dessa discussão, constatamos que os *movimentos sociais* são mobilizações de grupos sociais formados por indivíduos que compartilham mesmas características físicas ou mesma situação social que visam reivindicar mudanças igualmente sociais ou resisti-las.

Os movimentos sociais surgem como consequência direta dos efeitos do capitalismo e datam da segunda metade do século XX, período em que aparecem de forma explosiva, organizada e objetiva, de tal forma que falar de movimentos sociais passou a ter referência nesse marco temporal. O assunto que marcou para essa delimitação dos movimentos sociais foi o movimento estudantil de maio de 1968 em Paris, tendo, em seguida, afluído em vários lugares do mundo, movimentos pelos direitos civis. E com novos desafios que resultam das constantes ameaças ambientais e fomento das indústrias de guerra, surgem os movimentos ambientalistas e pacifistas.

Os nossos estudos sugerem que os movimentos sociais devem ser compreendidos somente como grupos de pressão (social) para promover mudanças e não verdadeiramente agentes de mudanças. A sua variação depende do grupo que os constitui e das suas demandas as quais colocam em pauta. As lutas dos movimentos sociais visam adquirir ou ampliar direitos ou preservar conquistas

históricas. Hoje os movimentos sociais tendem a tornar-se uma rede integrada, ameaçando assumir uma dimensão global, tornando-se assim, um movimento transnacional e os seus agentes, a assumirem protagonismos de ativistas internacionais. As novas formas de comunicação com recurso à internet que garantem o rápido fluxo de informação, são igualmente novos e importantes meios de mobilização e de globalização dos movimentos sociais.

REFERÊNCIAS

ALONSO, Angela. Teoria dos movimentos sociais: Um balanço do debate. *Lua Nova*, São Paulo, n. 76; p. 49-85, 2009.

BERGER, Patrick. Movimentos Sociais, Futuro e Utopia. *Marxismo e Autogestão*, ano 2, n. 03, p. 81-96, 2015.

CARVALHO, Edgar de Assis. *Identidade étnico-cultural e movimentos sociais indígenas. Perspectivas*, São Paulo, n.6, p.1-9, 1983.

CASTELLS, Manuel. Internet e Sociedade em rede. In: MORAES, Dênis (Org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2005.

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede: A era da informação: economia, sociedade e cultura, vol. 1. 17ª ed. Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz & Terra, 2016.

DECOUFLÉ, André. *Sociologia das revoluções*. São Paulo: Difel, 1970.

GOHN, Maria da Glória. *Teorias dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos*. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

IGLESIAS, Esteban. Da colonização da Sociedade Civil às Tensões entre Partidos no Governo e Movimentos Sociais. *Revista Sociologia em Rede*, v. 5, n. 5, p. 46-63, 2015.

JENSEN, Karl. Teses Sobre os Movimentos Sociais. *Marxismo e Autogestão*, n 1, p. 129-137, 2014.

HABERMAS, Jürgen. Os Novos Movimentos Sociais. *Movimentos Sociais*, v. 3, n. 5, p. 167-182. jul./dez. 2018.
Disponível em

<<http://redelp.net/revistas/index.php/rms/article/view/578/518>>. Acesso em: 26. fev. 2021.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto Comunista*. 16.ed. São Paulo: Paz & Terra, 2013.

MELUCCI, Alberto. Um objetivo para os movimentos sociais? *Lua Nova*, São Paulo, n. 17, p. 49-66, 1989.

RENON, D. Karin. Movimento social. In: OUTHWAITE, William; BOTOMORE, Tom. *Dicionário do pensamento social do século XX*. Tradução de Álvaro Cabral e Eduardo Francisco Alves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

SCHERER-WARREN, Ilse. *Movimentos sociais: um ensaio de interpretação sociológica*. 3.ed. Florianópolis: UFSC, 1989.

TARROW, Sidney. *O poder em movimento: Movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TOURAINE, Alain. Movimentos Sociais. In: FORACCHI, Marialice M; MARTINS, José S. *Sociologia e Sociedade*:

Leituras de introdução à Sociologia. Rio de Janeiro: LTC, 1994.

VIANA, Nildo. *Os Movimentos Sociais*. Curitiba: Prismas, 2016.

Resumo. No presente artigo, abordamos acerca dos movimentos sociais, sua essência e dinâmica. Para tanto, discutimos em primeiro plano o conceito de movimentos sociais e, a partir dele, destacamos os elementos que os constituem. Em seguida, procuramos classificar os movimentos sociais mediante a caracterização do grupo que os compõem e quanto ao projeto de ação. Procuramos igualmente, analisar as tendências atuais dos movimentos sociais.

Palavras-chave: Ação coletiva; internet; movimentos sociais.

Movimientos sociales: esencia y dinámica

Resumen: En este artículo discutimos los movimientos sociales, su esencia y dinámica. Para ello, en primer plano el concepto de movimientos sociales y, a partir de él, destacamos los elementos que los constituyen. Luego, intentamos clasificar los movimientos sociales mediante la caracterización del grupo que los componen y en cuanto al proyecto de acción. También buscamos analizar las tendencias actuales de los movimientos sociales.

Palabras clave: Acción colectiva, internet, movimientos sociales.

Movimentos Sociais. Vol. 06, num. 09, 2021.